

AS SENDAS DA MEMÓRIA EM MARIA LÚCIA MEDEIROS: VESTÍGIOS AUTOBIOGRÁFICOS NOS CONTOS “CRÔNICAS DE MINHA PASSAGEM” E “CASA QUE JÁ FOSTE MINHA”

Mayra Patrícia Corrêa Tavares¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar os contos: “Crônicas de minha passagem” e “Casa que já foste minha”, autoria de Maria Lúcia Medeiros. Enfatizando a análise de como a autora transfere para a narradora-personagem os principais momentos de sua trajetória, o que confere aos seus contos uma possibilidade de encontro autobiográfico. O conto “Crônicas de minha passagem” trata de uma memória vivenciada na infância, permeada de contextos que marcaram a meninice da narradora-personagem. Quanto ao conto “Casa que já foste minha”, expõem uma memória com lembranças amadurecidas de um passado não tão distante. Portanto, o que propomos neste trabalho, a partir do texto literário de Maria Lúcia Medeiros, é traçar um percurso de vestígios autobiográficos a partir das recordações incutidas nos contos.

Palavras-chave: Memória; Conto; Maria Lúcia Medeiros.

Abstract: “Crônicas de minha passagem” and “Casa que já foste minha”, written by Maria Lúcia Medeiros, are the tales here analyzed, emphasizing how the author transfers to the character-narrator the main moments of her path, which turns her tales into a possibility of an autobiographical encounter. The tale “Crônicas de minha passagem” is about a memory experienced during her childhood, filled with contexts that highlights the character-narrator infancy. As for the tale “Casa que já foste minha”, it shows a more mature memory from a not-too-distant past. Therefore, what is proposed in here, from the literary texts by Maria Lúcia Medeiros, is to make a route of autobiographical traces from memories inside the tales.

Keywords: Memory; Tale; Maria Lúcia Medeiros.

¹ É mestranda em Estudos antrópicos na Amazônia pela Universidade Federal do Pará. Pesquisa com pescadores artesanais da Amazônia, com experiência na área de sociologia pesqueira. É especialista em Ciências ambientais e desenvolvimento sustentável na Amazônia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (2018), com ênfase em Saberes tradicionais e sustentabilidade em comunidades amazônicas. Graduada em Letras com habilitação em Língua portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2014), com ênfase em literatura amazônica. É professora da rede municipal de Bragança, Pará.

Introdução

Eu nasci em Bragança, uma cidade simples do interior, com um trem de ferro e um rio na frente. Tive, portanto, uma infância bem brasileira: quintal, primos, frutas, tios, igreja, cinema Olympia. (MEDEIROS, 2005, p. 61).

Discorrer sobre a vida e obra de Maria Lúcia Medeiros é uma tarefa árdua em função da grandeza da escritora. A prosa de Medeiros nos leva a pensar que a biografia literária é como uma ponte metafórica entre o fato e a ficção, a professora e estudiosa da obra de Maria Lúcia Medeiros, Amarílis Tupiassú (2005), mostra indícios de que há uma postura autobiográfica nas obras da autora, ou seja, transpira uma capacidade de talhar e difundir um espectro figurativo de invenção, entremeando-se pelas sendas do verídico, ou as dobras do ficcional lampejadas pela verdade documental. Pois, a ficção é a vida tornada palavra, reescrita em novo texto, mostrada ao leitor por meio de outra voz.

Partindo deste tema geral da prosa da contista, abordaremos neste estudo o universo da memória de Maria Lúcia Medeiros, com um viés para a sua personalidade que vai, aos poucos, transbordando em cada um de seus personagens, em cada fato narrado, cada fato olvidado, cada fato omitido, e é este viés que nos conduz a presença do dado autobiográfico nos contos “Casa que já foste minha” e “Crônicas de minha passagem”. Portanto, a partir desse percurso, faremos a análise literária dos dois contos de Maria Lúcia Medeiros a partir de vestígios da memória que dão uma postura autobiográfica, para assim, apresentarmos a nossa leitura das narrativas.

Menina, mulher, mãe, professora, leitora, escritora. Maria Lúcia Fernandes de Medeiros, ou Lucinha, como era conhecida por seus amigos mais íntimos e familiares, nasceu em Bragança, Pará, no dia 15 de fevereiro de 1942, onde viveu durante toda a sua infância. Como ela mesma relata, teve uma infância bem brasileira, com uma casa de frente para um rio, com um quintal cheio de galinhas, com um cão vigia (Fly), um poço, árvores frutíferas e um jardim acolhedor com flores perfumando o ambiente. Sempre cercada por sua família, seus primos, tios, avós, sua meninice foi, sem dúvida, muito feliz neste lugar que ficou para sempre guardado na memória da escritora. Para Amador (2011, p. 51):

É desse lugar onde está assentada a casa de sua infância, leve e aérea na lembrança da escritora, que ela, ainda adolescente alça voo, para estudar na cidade. Esse espaço, com tudo o que pode nele caber, sempre fará parte do mundo da escritora, cuja curiosidade a leva a outras descobertas em outro espaço-tempo.

Aos doze anos Lucinha mudou-se para a capital paraense com parte de sua família. “Em Belém já cheguei quase na adolescência e meus fantasmas viviam sob as mangueiras, nas ruas largas, na arquitetura imponente de uma cidade de 250 mil habitantes que era Belém dos anos 50” (MEDEIROS, 2005, p. 61). Neste período, Belém passava por um grande processo de extensão resultante da grande expansão da época da borracha e do movimento da *Belle époque*.

Maria Lúcia graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Pará, nesta instituição desenvolveu o trabalho de pesquisadora e professora, atuando na docência com as disciplinas de Redação e Literatura Infanto-juvenil, sendo uma das responsáveis pela inserção desta última disciplina na grade curricular do curso de Letras da UFPA, na época. Também desenvolveu um trabalho primoroso como professora na escola Jonh F. Kennedy, em Belém, no período de 1972 a 1974. Em uma época em que o ensino era desenvolvido de forma tradicional, e por que não dizer, que se impunha de forma quase mecânica e monológica, mesmo assim ela fez seus alunos experimentarem um modo especial de aprender. Desenvolveu nesta escola um trabalho cujo projeto era um ensino mais liberal, apesar da época, sob o regime militar, e dos questionamentos dos pais, inclusive sobre a indicação de certos livros para a leitura, o que mostra como era o ensino da época da escritora e quão ousada ela era para proporcionar um ensino de qualidade e diferenciado aos seus alunos.

Autodenominando-se uma leitora compulsiva, Maria Lúcia adorava os livros. Tinha pela leitura um prazer indescritível. “Seu trabalho até o fim foi com a palavra, mesmo onde havia silêncio, quando perdeu a fala, como professora, palestrante, leitora, escritora” (AMADOR, 2011, p. 83). “Lia com paixão e com uma incrível entrega, porque além de ser uma senhora devoradora de livros, ela fazia os deveres da escola e ninguém tinha do que se queixar” (MEDEIROS *apud* AMADOR, 2011, p. 84). Assídua frequentadora de livrarias, Maria Lúcia tornou-se conhecida dos livreiros. Lia com prazer e pelo prazer da descoberta, comentava que sempre ao acabar de ler um livro, “baixava leve melancolia”, mesmo com a imaginação ainda às voltas com o ambiente, com as personagens, com o enredo, comportamento típico dos leitores compulsivos que estão sempre em busca de algo a mais que o livro tem para lhes oferecer.

Seus traços de leitora e, desde já de escritora, encontravam-se em toda parte. Segundo Amador (2011), seus cadernos eram sempre recheados de anotações sobre livros, títulos e comentários a respeito deles, o que revela o apreço que a autora tinha em não apenas ler, mas desenvolver algo a partir de suas leituras. Suas leituras eram muitas e diversas, livros de literatura infanto-juvenil, poemas, autores consagrados como Proust, Virgínia Woolf – por quem tinha um fascínio especial –, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Eça de Queiroz, dentre outros autores de sua predileção e que, talvez, serviram de inspiração na sua maneira de escrever (AMADOR, 2011).

A leitora que existia nela desde muito tempo tentava – e conseguia – contagiar aqueles que estavam a sua volta. Como todos aqueles que têm a leitura nas veias, ela conseguia despertar nas pessoas, sobretudo nos seus alunos, o prazer e a paixão pela leitura.

Como já mencionamos, a própria autora se autojulgava uma “leitora compulsiva”, que escrevia e guardava em cadernos e mais cadernos. Nestes cadernos há traços, linhas que revelam desenhos de casas, barcos e textos. A partir desses cadernos que mostram um pouco da vivência da autora na infância, adolescência e na fase adulta, que as ideias, os contos e lembranças irão despertar o que mais tarde viriam a ser suas ilustres e apreciáveis obras.

Seu primeiro trabalho publicado, resultado da escrita como ofício, foi o ensaio intitulado “Corpo inteiro” publicado na antologia *Ritos de Passagem da nossa infância e adolescência*, organizada por Fanny Abramovich (1985). “Corpo inteiro” foi o primeiro passo para que Medeiros abrisse sua primeira edição: *Zeus ou a menina e os óculos*.

O universo da escritora, constituído do lugar de onde vem: rios, quintais, em Bragança, Pará, Amazônia; dos lugares onde viveu: Belém, Rio de Janeiro, Mosqueiro; dos lugares por onde passou: Lisboa, Londres, Nova York, Berlim. Também não deixam de ser material de sua criação literária as imagens que os olhos contemplam e que a memória guarda, como os fantasmas que se chegam. As tantas imagens enumeradas por Maria Lúcia são recordações despertadas por uma leitura sobre a cidade de Belém, bem como dos diversos lugares por onde passou.

A matéria de sua criação também vem de suas leituras, que não deixam de ser a memória a possibilitar a leitura crítica de seus textos de vida pessoal e de criação literária. Uma vida lembrada, guardada para vir a ser fonte de inspiração para o fazer literário, a criação poética. Transformar essas imagens em palavras, prosas e contos foi o trabalho da escritora.

A obra de Maria Lúcia Medeiros é composta de imagens, de momentos, de pessoas amadas que a autora foi pouco a pouco transformando em enredos, em contos, em novelas. Integram-se aos seus textos personagens construídas de forma tanto ficcional quanto verídicas inspiradas em pessoas, em que ela, Maria Lúcia, não saberia precisar quando termina uma e acaba outra.

As histórias de vida e de ficção vão se entrelaçando, urdindo a trama de seus contos, uma vez que Maria Lúcia dizia buscar o compartilhamento da própria dor na literatura. Enfim, diante de seus textos, fica quase sempre um entrecruzamento de certa forma confundível entre: escritora, professora, leitora, mulher. Mas qual linha as distingue? Na maioria essas linhas tem um fim indefinível, pois os traços que a desenhavam vêm da mesma linha que retrata a escritora, e que desenha seus textos de fato e ficção.

O Céu caótico de Maria Lúcia Medeiros

“Uma lavra poética densa e (in)tensa” (TUPIASSÚ, 2005, p. 1), é assim que Amarílis Tupiassú prefacia a obra da grande escritora bragantina, Maria Lúcia Medeiros, em especial referindo-se ao livro de contos *Céu caótico*, composto de onze contos, nos quais a autora deixa-se eternizar em cada enredo. Contos apaixonantes, intrigantes, fascinantes, sugestivos, que revelam confissões, anseios, angústias, entreditos. Assim é o *Céu caótico* de Maria Lúcia Medeiros. Esta classificação é bem aceitável: densa e (in)tensa.

Trata-se de um livro, de certa forma intrigante, como o próprio título sugere. O céu, em muitas religiões, é considerado o Paraíso, recanto de gozo, paz e descanso. No entanto, recebe um adjetivo tão desajustado, caótico. Por que este Céu se revela aqui tão desagregador e não o contrário, acolhedor? As respostas a esta pergunta encontram-se em cada linha, em cada parágrafo, em cada conto do livro, com poucas exceções. São contos que desvelam na órbita do caos, do transtorno, da impassividade. São lamentos, prantos, verdadeiros gritos de angústia de um ser tragado por suas recordações mais amargas, envolto em suas incertezas, em seus conflitos internos, em suas dúvidas quanto ao futuro, que se revela para este ser tão duvidoso. São contos que trazem episódios trágicos do passado de seus personagens, que misturam ficção e realidade envolvendo o leitor em uma verdadeira teia de rememoração.

São onze contos, seis, datados em dias que vão de Janeiro de 2004 a Junho de 2005, encontrando-se a escritora, primeiro, no Rio de Janeiro e, depois, na Ilha do Mosqueiro [...], - a saber: Luz branca, Crônicas de minha passagem, Dom Quixote veio de trem, Céu caótico e Uma história de Guimarães Rosa -. Os demais contos não trazem indicação do tempo e espaço de elaboração. Foram escritos, contudo, nos mesmos locais e no intervalo de tempo registrado, todos, durante a crise desse período, a escritora já limitada ao círculo de cerceamento imposto pelo Mal de Charcot. (TUPIASSÚ, 2005, p. 2).

São contos aparentemente simples, contudo, um estudo mais aprofundado nos faz entender que estes são extremamente exigentes em sua leitura, em sua compreensão, pois nem tudo que está escrito possui a significação aparente, devido uso abundante de metáforas e outras figuras de linguagem utilizadas pela autora para enriquecer alegoricamente as narrativas.

Em alguns contos temos a forte impressão de estarmos diante de uma autobiografia de Maria Lúcia, o que faz com que, por diversas vezes recorramos a alguns fatos de sua vida para, então discernirmos e desvendarmos seus textos. Os contos que compõem este *Céu caótico* trazem uma espécie de relato do passado, são textos que nos levam a percorrer os vários caminhos da recordação, isto é, da memória do sujeito poético, e isso requer cuidados para não nos enveredarmos por caminhos equivocados de interpretação.

Sua prosa poética também é permeada pelos interditos, por fatos e relatos inacabados, entrecortados, ou ainda retardados, fraudados, por esquecimento ou por opção. Portanto, para a compreensão da obra, faz-se necessária mais que uma simples leitura, mas um mergulho aprofundado pelas zonas da memória, revirando os fatos, a fim de que possamos entender não só os explícitos, como também os entreditos permeados pelos contos.

A maioria de seus contos falam de sentimentos, entre eles a angústia e a solidão, temas bastante recorrentes na obra de Maria Lúcia Medeiros, com destaque para o viés emocional e da personalidade da própria escritora. É como se ela transferisse para a narradora dos contos as suas próprias angústias, seus anseios, gerando uma mistura, uma junção da autora com a narradora. Especialmente, nos dois contos analisados neste artigo: “Casa que já foste minha” e “Crônicas de minha passagem”. Por fim, são contos que retratam um passado longínquo, da infância, adolescência, um tempo que ficou para trás, mas que, ao mesmo tempo, torna-se tão presente, posto que se encontra ainda tão vivo na caixa da memória, e que esse tempo pretérito parece se eternizar em suas lembranças. Lembranças estas que são suscitadas por meio das sensações, do ouvir de uma música, do cheiro de um perfume, do sussurrar do vento, pela visualização dos campos, das flores, etc.

Entre a ficção e o vestígio autobiográfico nas narrativas de Céu caótico, ao prefiar o livro, Amarílis Tupiassú afirma que nos sinaliza sobre esses indícios de “uma postura autobiográfica, sendo que os termos de expressão incidem numa bem urdida metaforização e na disseminação de sentidos duplos, o que garante a atmosfera alegórica dessas narrativas” (TUPIASSÚ, 2005, p. 3). Essa afirmação de Tupiassú torna-se comprovável no momento da leitura dos contos. O fato de a narrativa conter certos traços que denunciem um posicionamento do autor dentro da obra, esta já se tornou uma ficção, ou seja, já não se pode julgar esses traços como índices seguros, absolutos de identidade do autor. Contudo como reflete Philippe Lejeune (2008, p. 104), em *O pacto autobiográfico*: “O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção.” Ou seja, é uma ficção por estar no campo literário, mas não significa dizer que tudo o que está na narrativa é fruto do imaginário do autor, ou seja, que é apenas criação, mas pode ser, na verdade, uma transformação ou transposição literária.

Atentas a este detalhe, observamos que em praticamente todos os contos de Maria Lúcia encontramos rastros que indiciam episódios da vida da autora. Podemos dizer, entretanto, que estes relatos se encontram no texto de forma ficcional, isto é, apenas na forma de criação poética. Contudo, em alguns contos estes relatos aparecem muito bem marcados, detalhados, ou seja, como se fosse um relato da realidade posto na folha de papel, como ocorre tanto no conto “Crônicas de minha passagem” como em “Casa que já foste minha”.

O conto “Crônicas de minha passagem”

Tratando-se, aparentemente, de um texto simples, a julgar pelo seu formato curto e sua linguagem, o conto “Crônicas de minha passagem”, como o próprio título nos sugere, trata-se de um conto pequeno, que traz uma narrativa histórica da vida da narradora-personagem. Esta relação histórica estende-se por todo o conto, haja vista que, a partir de um tempo presente, há um retrocesso à época da infância da narradora vivida em outro lugar, isto é, seu lugar de origem: a Amazônia.

Destaca-se no conto uma espécie de nostalgia, isto é, o desvelar de lembranças melancólicas, que causam grande pesar na narradora, principalmente quando aborda a mudança do tempo, aspectos de sua infância e adolescência, isto é, quando ela recorda de todo o seu passado. Este passado, por sua vez, revela fatos felizes que se misturam com lembranças dolorosas, que causam angústia, pavor, mas que ainda assim ela o mantém preso a si, às suas recordações, como um tesouro precioso, que deve ser guardado, protegido, eternizado, como se vê no trecho que se segue:

Cenas felizes, infelizes, amargas, insuportavelmente doces, de medo e coração destemido, pavor e a um só sopro o avesso disso: o prazer sem medida quase uma eternidade só pra mim. Destriçado, mantive o passado sob meu domínio e quase o tornei um ornamento, um fio de prata ao redor da imagem pantanosa. (MEDEIROS, 2005, p. 25).

Neste trecho incute-se uma espécie de contradição constante, expressa por meio do jogo antitético: feliz/infeliz, amargo/doce, medo/destemor, sopro/eternidade, isso reflete as incertezas e inconstâncias da vida. Revela ainda a passagem, a brevidade da vida e dos acontecimentos e que no conto perpassa a existência da autora que ficaram registradas em sua memória.

Nota-se que no conto há presença da anacronia, isto é, a narradora retrocede com uma visão de “mundo passado”, o que não está de acordo com o mundo atual em que ela se encontra. O que nos leva a vislumbrar uma angústia implícita revelada por ela, onde já não pode impor uma prática antiga neste mundo moderno e uniformizado. “A angústia do que era impalpável — e eu não sabia — se aproximava. Se aproximava e eu não sabia” (MEDEIROS, 2005, p. 26).

Quiçá pudéssemos pensar nessa angústia como uma lembrança dolorosa de um tempo indubitavelmente bom, contudo, passageiro, em outros termos, é como se ela sentisse que se aproximava o momento de se desapegar, de se desprender daquela infância feliz, daquele lugar dos sonhos, da Pasárgada de sua vida. Noutras palavras, é como se pressentisse que estava chegando a hora em que sua vida mudaria. Novos ambientes, novos costumes, novas pessoas, um novo jeito de ver e viver a vida, mas com recordações infantis que o acompanharam a vida toda.

Essa angústia poderia ser na verdade, também, o desespero pela constatação de tudo o que ela estava para abrir mão, para perder, não por sua opção, mas por imposi-

ção do destino implacável. É como se estivesse interiormente desiludida por algo que foi deixado na infância e que não volta mais, uma angústia que atravessa o peito, talvez por estar paralisada num leito de enfermidade, sabendo que jamais tornará a viver uma fase que foi extremamente importante.

Logo no início do conto, nos dois primeiros períodos, percebemos que a autora se encontra em um instante de recordação e confissão. No entanto, neste recordar, há uma espécie de bloqueio e hesitação. Há aqui duas trilhas opostas, dois polos: “mentir” e “omitir”. Tais polos orientam-nos, quiçá, para um possível dilema da narradora, o silenciamento. “Talvez seja aconselhável não omitir nada. Nem mentir e eu ouço minha própria voz soprando no meu ouvido” (MEDEIROS, 2005, p. 25). “Mentir” e “Omitir” flutuam neste espaço do silêncio. Isto é, ou diz-se algo que não é verídico, ou não se diz nada, há um silenciamento daquilo que deveria ser ditado.

Segundo Tupiassú (2005), quando a autora escreveu este conto, encontrava-se no Rio de Janeiro, hospitalizada, em função de seu grave estado de enfermidade, isto é, estava distante de sua terra natal, como o próprio conto nos revela “surpreendo-me a me sentir tão distante deste lugar que eu percorria de trem e de todo um olhar derramado sobre o meu passado que, há de se convir, eu o mantive arrumado ao alcance da voz”. Suas lembranças estavam latentes, guardadas em sua memória, apesar de seu estado de saúde, e estava, segundo ela, arrumado, pronto para ser contado.

Um silêncio paira na narrativa, “uma confusão de sons, vozes de adultos” em fragmentos que expressam muitas vezes o fim de um mundo conturbado, de uma agonia, de uma dispersão que está ao redor da narradora. O que um dia foi palpável, foi vivido, realizado, ficou para trás, uma luz que um dia foi palpável tornou-se desperdiçada, interrompida por um tempo que cada vez se tornava mais distante, “uma claridade desperdiçada”, como se aos poucos o enrubescer da tarde, o crepúsculo trouxesse com ele o fim da tarde, o escurecer, à noite, em outras palavras, a despedida de tudo que um dia foi claro, translúcido, palpável. A partir de algumas imagens feitas da época de sua infância, a narradora nos permite imaginar como seria o espaço percorrido por ela.

No decorrer do conto, a narradora refere-se a uma janela de trem, de onde ela apreciava a paisagem. Nosso conhecimento histórico nos permite lembrar que existiam aqui na Amazônia, no nordeste paraense, as estradas de ferro, no caso deste conto, a estrada de ferro Belém-Bragança, a qual era a forma da população se deslocar de uma cidade à outra, para cuidarem de seus interesses econômicos, como a venda de produtos agrícolas, as entregas de artesanato e outros tipos de interesses que lhes cabiam, isto é, visando as “investigações relacionadas com o contexto extrativista amazônico” (SARGES, 2000, p. 17). E ela se volta ao seu passado, lembrando-se do seu local de origem, “surpreendo-me ao me sentir tão distante desse lugar que eu percorria de trem” (MEDEIROS, 2005, p. 2).

Por toda essa lembrança da personagem, a fase de quando criança, reforça a ideia de que há uma memória individual, familiar e, por vezes, coletiva, posto que, as lembranças que mais perduram no indivíduo são as recordações de um tempo bem vivido, são também as que trazem aspectos sinestésicos, a exemplo: o barulho, os cheiros, as cores, datas e paisagens que nos acompanham por toda a vida. Pois “por falar em sopro como são recorrentes as imagens dessas árvores fustigadas pela ventania. Seguem-me em rodopios desde a primeira vez quando as acompanhei da janela do trem” (MEDEIROS, 2005, p. 25).

Essa janela do trem poderia ser entendida como a passagem de uma vida, uma espécie de museu, memorial da infância da narradora em “Crônicas de minha passagem”. A personagem narra a memória da infância sob a perspectiva do olhar minucioso através da janela do trem. Como se o trem parasse em uma pequena estação e uma criança entrasse nele e que daí para frente não fosse simplesmente um trem, mas que agora tornaria o trem da sua vida, das suas lembranças, dos seus sonhos, dos seus ditos, de suas recordações vivas, vividas e divididas com pessoas que estivessem naquele trem, ou porque não dizer com pessoas que faziam parte da sua vida.

As recordações irão percorrer por pontes, pastos, o sopro do vento, o cheiro das flores, o jardim, as garrafas verdes chegando cheias de leite, um filme de lembranças passa nessa janela chamada memória. Não se trata de uma janela de um trem qualquer, é uma espécie de janela metafórica, são lembranças de uma vida, recordações vista de uma janela memorialista.

São várias as estações. Pessoas sobem, pessoas descem, algo já lhe adiantava que viriam várias etapas da vida, que algumas pessoas ficariam guardadas na memória, mas que outras iriam ser esquecidas. Por essa janela talvez avistaria os amigos, a escola, os parentes, um lembrar inefável, onde passava ponte, pasto, mas as lembranças da infância não passavam, tudo se deixava para trás, menos as recordações da infância. Seu olhar pela janela trazia a visão das brincadeiras na rua, no quintal com os primos, assim como no cair da tarde via a felicidade de encontrar os primos, os amigos para brincar.

Nesta mesma janela, a fase está passando. Com o andar do trem mais um pouco, é como se a idade tivesse passado e ela tivesse amadurecido. E é aí que se retoma a ideia da angústia impalpável, uma vez que não tornará a brincar com os primos, como antes. É como se tivesse sido levada embora a sua tarde, ficando apenas a tristeza de uma clara lembrança. Todas as suas lembranças estão a floradas, no entanto, suas lembranças mais vivas, poderíamos assim dizer, remetem a uma casa e sua senhora, isto é, a sua dona.

Mais palpável vem a casa de frente para o rio e a dona dela, Senhora daquelas salas azuis, cruzando, como se voasse baixinho, espaços enormes, verificando, tomando providências, aparecendo e desaparecendo por trás do biombo da varanda, para que eu pensasse

que ela fugia para molhar as plantas do jardim. (MEDEIROS, 2005, p. 26)

É nesta recordação que solidifica o relato propriamente dito, as imagens da casa, da “Senhora” – esta que de tão venerada parece um ser mítico – do rio e de tantas outras coisas que vão, pouco a pouco sendo destrinchadas pela narradora, sendo reveladas, denunciando lembranças de uma infância feliz. Até porque, “o território percorrido por Maria Lúcia Medeiros é a infância” (MORAIS, 2011, p. 83).

A lembrança mais marcante desta fase da vida da narradora é, sem dúvida, a figura desta senhora, forte, corajosa, generosa, dedicada à família, à vida, ao amor. Entretanto, deparamo-nos aqui com um dilema: em alguns trechos imaginamos essa senhora como uma pessoa, uma mulher, dona de casa, mãe de família e que, em função de alguns relatos da narradora, como os que se seguem, poderia ser alguém de sua família:

Como se não bastasse o conforto de estar presa a ela por laço de sangue e viver colada ao seu calcanhar, deixava-me voar e, agarrada às suas asas, essa Senhora do Tempo e dos Espaços, repartia comigo suas salas azuis e verdes, seu piano, o jardim, a amoreira, o violino, o cão Fly (MEDEIROS, 2005, p. 26).

Outras vezes, imaginamos ser essa “*Senhora do Tempo e dos Espaços*”, a própria Amazônia, que também abriga seus filhos, os ribeirinhos, os rios, a fauna, a flora, e como em toda família, os problemas. A Amazônia é uma grande composição de diversidades e riquezas. Um outro mundo com formas grandiosas e exuberantes, dotado de tons verdes e azuis, lugares obscuros, histórias fascinantes e uma riqueza que, aos olhos de muitos, é a única realidade desse lugar.

Diante disso, entendemos que a narrativa traz trechos que parecem estar disfarçados ou ocultos. Atrelados às sutilezas da memória, e o que ainda permanecia mais vivo dentro de si era a lembrança de uma casa. A narradora personagem descreve o que mais lhe encantava na sua fase de criança, a “casa de frente para o rio”, uma lembrança nostálgica que permite descrever os atributos e o carinho que lá habitavam.

À mesa, rodeada dos filhos adultos, exercia seu doce mando e eu, beneficiada, acarinhada, coberta por manto tão especial, sem a mais leve suspeita de que ela seria permanência na minha vida. O jardim, o poço, a loja de tecidos, o terço, as verdes-garrafas chegando dos campos com leite mugido, recados do vaqueiro, o ir e vir da Senhora amenizando a dor dos desvalidos, a espargir sobre minha fronte brandura e fortaleza, exemplos que ficariam para sempre (MEDEIROS, 2005, p. 26).

Cada personagem e cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva da narradora. Lembrança de pessoas amigas e entes queridos que

persistem na memória, independentemente do tempo ou do espaço. A ordem desse espaço nos une e nos separa da sociedade e é um elo familiar com o passado, passado este que não pode ser rompido. Poderia ser transformado, mas jamais esquecido.

A narradora encontra fatos significativos no rememorar de sua infância, as lembranças “mais palpáveis”, mais vivas do seu consciente fornecem detalhes do seu habitat e do cotidiano vivenciado pela mesma, quando ficou mais detalhado o seu olhar sobre si mesma. Lembranças essas que nos permitem imaginar a transparência da infância da narradora como uma criança, ora de infância brincalhona, ora como uma criança de responsabilidades domésticas.

Essas características revelam como era o seu modo de vida, simples, feliz, com direitos e deveres; às vezes rodeada de visitas, visitas estas típicas do interior paraense, que aparecem sempre quando o avermelhar das nuvens aparecem, ao cair da noite. “As visitas chegavam para que eu pudesse acompanhar o borbulhar das palavras, todas trançadas em fio de encantamento a se desenrolar diante dos meus olhos, o novelo escorregando para o chão de tábuas brilhosas da bonita casa dela (...)” (MEDEIROS, 2005, p. 26). Vemos então uma certa “infância amadurecida”, acompanhada de experientes visitas, pois estas que fazem ganhar experiências como “menina moça” por meio do borbulhar das palavras.

Vemos aflorar uma lembrança afetiva, forte, indelével, de momentos reais, com vasta riqueza de detalhes, sons e imagens, todas guardadas e lacradas em um coração que agora apenas recorda, reconta, revive, mas, não de modo fiel ao que aconteceu, mas de recortes.

Estes recortes vestígios da memória podem ser percebidos durante todo o conto, pois em certos momentos nos deparamos com algum retrocesso ou algum avanço na narrativa. O conto inicia-se com a intenção da narradora de contar algo, “talvez seja aconselhável...”, e em seguida, há uma volta ao passado, “por falar em sopro, como são recorrentes...” Mais à frente há outro salto na narrativa e ela parece nos levar para um tempo mais adiante, “um dia – quem dera fosse um domingo – recuperei a fala tão grande fora o susto e nunca mais foi possível fazer de conta de que tinha estado ausente tanto tempo” (MEDEIROS, 2005, p. 25).

A narrativa faz uma espécie de percurso nas vastas zonas da memória da narradora, desvendando lembranças que vão desde “cenas felizes, infelizes, amargas, insuportavelmente doces, de medo e coração destemido, pavor e a um só sopro o avesso disso: o prazer sem medida quase uma eternidade só pra mim” (MEDEIROS, 2005, p. 25). E encerra-se com a recordação de uma constatação dolorosa “A angústia da que era impalpável – e eu não sabia – se aproximava. Se aproximava e eu não sabia” (MEDEIROS, 2005, p. 26). Poderíamos inferir que esta angústia decorre da confirmação de um fim iminente, como ela mesma define como algo impalpável. Isto pode referir-se tanto ao seu desligamento daquela vida e infância doce, ou seja, da sua partida

de sua terra natal, como também ao seu próprio desligamento deste mundo, isto é, a sua própria morte. O conto “Crônicas de Minha Passagem” revela-nos a importância que a autora dá para registrar sua história antes de falecer e para isso utilizou o lugar primordial onde o podia fazer sem culpa e sem comprometimento: o conto. Ao escrever sobre a vida antes de partir, a autora imprime na escrita a eterna vivacidade da sua existência. Deixar registrada sua história por meio de seus personagens é a forma que ela encontra para também manter-se viva e eternizada, “porque estarei viva, meu grito soará tão alto, que será confundido com sinais de chegada, um porto no meio do mar de onde se pode também partir” (MEDEIROS, 2005, p. 25).

Destarte, as correntes lembranças que perpassam em “Crônicas de minha passagem”, remetem a uma memória que parte do presente, entretanto, com uma percepção convicta de um passado o qual não a pertence mais.

“Casa que já foste minha”

À semelhança de “Crônicas de minha passagem”, “Casa que já foste minha” figura entre os contos que indiciam uma postura autobiográfica de Maria Lúcia Medeiros. Nele encontraremos fatos relevantes da vida da autora que servirão de embasamento para destrincharmos os escritos de Medeiros. “Casa que já foste minha” é, sem dúvida, uma comprovação irrefutável do que nos afirma Tupiassú (2005) ao discorrer a respeito da poética de Maria Lúcia, quando diz tratar-se de uma obra densa e intensa, tal se gravada à força de agudo estilete, isto é, uma obra escrita com esmero, com prazer, posto que no fazer poético esteja o prazer do poeta, e ao mesmo tempo com dor, angústia, pesar, uma vez que remonta a fatos extremamente dolorosos de sua existência, de momentos que fazem doer, sangrar, alma, corpo e espírito. São relatos marcantes e inapagáveis de uma vida, por isso serem dignos de registro.

Encontraremos implícita e explicitamente os lamentos traduzíveis e intraduzíveis de alguém que se encontra em pleno momento de sofrimento, seja por estar vivenciando este momento ou por estar simplesmente recordando deles. Entramos novamente em contato com os relatos confessionais, entretanto, aqui tais relatos são feitos, na maioria das vezes, em sua forma mais enigmática. Perceberemos o uso recorrente e abundante dos interditos, implícitos e de simbologias. “Casa que já foste minha” concentra em si toda sorte de recursos expressivos que proporcionam uma densa profusão de sentidos, de significações a nós, leitores, como nos mostra Tupiassú:

De tal sorte se impõe o entrecruzamento de sentidos subjacentes aos explícitos, em tal ordem, os tons e timbres, ao compasso das derivações do texto, que a si mesmo conclama o leitor exigente há, todo tempo, retardar o ritmo da leitura e refrear o fluxo das frases para a remissão pausada às significações embutidas e também nos avessos do discurso (MEDEIROS, 2005, p. 1).

Em outros termos devemos ter certo cuidado no momento da leitura, pois, assim como a maioria dos contos de Medeiros, este é embutido de significações ocultas ou implícitas que vão se desenrolando de forma paulatina aos olhos de quem os devora. Isto posto, entendemos tratar-se de um verdadeiro desafio tentar fazer uma análise deste conto, e ainda, achar o fio condutor, a voz que orienta a narrativa e, conseqüentemente que nos orientará na sua compreensão, principalmente no tocante as últimas linhas do conto, as quais apresentam-se como verdadeiros enigmas. Para isso, buscaremos entender cada uma dessas referências feitas por Maria Lúcia Medeiros para então associá-las aos relatos de “Casa que já foste minha”.

Ao primeiro olhar sobre este conto, percebemos que perpassa um rememorar de ideias, num retorno a uma casa, casa esta que se situava na Ilha do Mosqueiro, seu lugar dos sonhos, como a própria Tupiassú (2005, p. 2) menciona: “seu lugar de merecimento, sua conquista”. Perpassa ainda pelo conto uma ideia de despedida, de partida, um ser que em uma atitude de recordação faz uma espécie de retrospectiva de sua existência, percorrendo vários momentos de sua vida para depois afastar-se para sempre. Essa hipótese de despedida e partida é subsidiada por vestígios encontrados em cada parágrafo do conto, como veremos no decorrer da análise, e confirma-se ao final do conto.

Ao aproximar-se da casa, vêm à tona todas as lembranças de um tempo em que a narradora se fez presente neste lar, coisas vividas, divididas, e ainda vivas. Destarte, de volta ao seu lugar, ao rever esta casa já se ouve os murmúrios de que ela teria partido, não no sentido de partir para a vida eterna, mas no sentido de esquecimento, de abandono, de um local que era para ela “seu sítio dos sonhos” (TUPIASSÚ, 2005, p. 2).

O conto inicia-se com o seguinte excerto: “Aproximo-me de ti casa que já foste minha, atravesso as paredes que ouviram lavar minha sentença de morte por esquecimento” (MEDEIROS, 2005, p. 19). Neste momento, começa um percurso por esta casa, que vai desde a entrada, passa pelo corredor, chega até o quarto, vai à porta dos fundos até chegar ao lugar mais obscuro, mais esquecido da casa: o porão. Em outras palavras, faz-se a partir de então, um *tour* por todas as zonas da memória, por cada compartimento minúsculo deste universo do rememorar, com seus salões, com suas curvas, suas áreas de convívio e também as áreas ocultas, restritas, isto é, vai desde as lembranças compartilhadas até aquelas extremamente particulares.

O retorno a essa casa traz de volta os acontecimentos vivenciados ali, desde os momentos de alegria que foram compartilhados até o momento mais triste da solidão e do abandono, do esquecimento. Assim dizendo, um abandono que foi tido como uma morte, talvez um calar das lembranças, para que assim ficassem sucumbidas suas recordações que poderiam trazer cenas de felicidade ou de infelicidade, quiçá essa visita já é uma despedida ou uma antecipação do que está por vir.

As lembranças começam a aflorar na mente e aos olhos da narradora. Neste momento, ela revive aquele momento indescritível com todos os pesares do momento,

mesmo já tendo passado. Assim, quando ela diz, “ouço de novo os gemidos de um amante que foge de outro que chora atado aos fios do seu cabelo” (MEDEIROS, 2005, p.19), poderíamos entender ser este o momento crucial de uma descoberta, quem sabe a autora transfere para o conto, para a narradora, justamente o momento angustiante da descoberta de que ela estava enferma, pois é isso que deixa transparecer este fragmento, a ideia de desespero, de busca por ajuda, consolo, de alguém que chora aos ombros de um ente querido, no caso da narradora, os ombros de seu amante.

O retorno a essa casa não foi simplesmente uma visita para recordar de tempos infatigáveis ou de momentos enfadados, se é que este último percorreu por este lugar dos sonhos, mas imprime uma ideia de que ao vê-la novamente e abrir suas portas, suas janelas, o sol possa entrar e com ele vir o calor para queimar as últimas pegadas, marcas, expressões não bem proclamadas neste lar, o doce espalhado (talvez já não caísse bem), os gritos (de despedida ou de alegria), as palpitações de um amor que não cansa de acreditar que tudo poderá ser amenizado, que estes sofrimentos possam ser atenuados. Que esta casa volte para um presente alegre, como um dia num passado não tão distante ela já foi. “[...] Abro de par em par janelas sem gelosias pra que, leito que já foste meu, o sol te queime os derradeiros vestígios, nódoas, suores, as mentiras proferidas, o mel entornado, os gritos, a carne dilacerada do amante crédulo” (MEDEIROS, 2005, p. 19).

Diante deste excerto, percebemos que esta casa se encontrava fechada, e não havia sequer uma fresta por onde entrasse um raio de sol que iluminasse a mesma, tornando esta casa em um ambiente sombrio. Ao adentrar, e ao percorrer pela casa, abrem-se as janelas para que o sol entre e disperse as sombras trazendo sua luz. O sol é descrito como forma de amenizar o sofrimento da vida da própria narradora. Ele é visto como um horizonte de despedida do sofrimento, dos últimos dias permanecido no mundo do “amante crédulo”, porém, com o intuito de que os vestígios, as marcas, as manchas, as mentiras proferidas possam ir junto com este astro ao final do último entardecer, do último dia de pranto na terra; que as alegrias e os dias incansáveis possam ir junto com o sol e assim essas lembranças não a faça mais sofrer, mesmo que essas cenas de recordações sejam infatigáveis, já não se deseja ser vivida e recordada nos seus últimos prantos.

No excerto, perpassa a ideia de que o sol leva embora as últimas lembranças de um tempo bom, lembranças essas que também podem ser mantidas por quem fica, e podem ser revividas no contato com um cômodo de uma casa, em uma peça de roupa, em um recordar de um momento, o cheiro de um perfume, o que irá caracterizar-se como os vestígios. Quanto ao grito, quiçá de desespero de alguém que não deseja ser esquecida. Mas, que, também, pode ser a recordação mais palpável dos momentos prazerosos e da felicidade de alguém que amou e foi amada.

Em “Crônicas de minha passagem” este grito parece mais voltado para a ideia do desespero, da angústia de ser esquecida, do desejo de se continuar viva, embora seja apenas no pensamento, no coração de alguém. Em “Casa que já foste minha”, este grito

pode ser também contemplado pela ideia do sofrimento, posto que este se torna quase um *tópus* na poesia narrativa de Maria Lúcia, mas poderia ser interpretado também, como uma metáfora do êxtase do amor e do prazer, da realização plena de um amor, vivido em sua plenitude, sem censura e sem pudor, isto é, pode ser a representação mais forte e indelével do tempo dos amantes, de alguém que amou e, sobretudo, foi amada.

Todos estes pontos, principalmente os que figuram mais no implícito, assim dizendo, que podem ser inferidos a partir dos interditos, conseguem ser desvendados por meio dos vestígios presentes nos contos, das pistas confessionais presentes nos mesmos, rastros da memória, dos instantes inesquecíveis, seja pelo prazer, seja pela dor.

E o percurso vai se desenvolvendo a cada nova recordação, no contato com cada cômodo da casa. Esta casa, todavia, pode ser entendida de dois modos distintos: casa no sentido de residência e casa como uma metáfora da memória, neste sentido, a casa seria a caixa craniana deste sujeito poético. Seus cômodos, por sua vez, seriam as zonas, as salas, os diversos compartimentos da memória e este percurso se daria justamente por cada etapa da vida e as imagens evocadas neste percurso seriam as lembranças dos momentos vivenciados pela personagem.

Ao observamos o trecho: “Aproximo-me de ti, porta dos fundos da casa que já foste minha. E surpreendo minha sombra recurva, o pranto que joguei por terra” (MEDEIROS, 2005, p. 19), percebemos que estes dois universos se entrecruzam, se misturam, pois ao mesmo tempo em que visualizamos a cena da narradora à porta desta casa material, vemos também que este instante se transporta rapidamente para um outro instante, o instante de recordação, de dor, de pranto, de desespero e esta casa passa agora a ser entendida como a sua memória. É como se ela pudesse visualizar e reviver aquele momento agonizante em que derramou seu pranto.

Mais adiante, vemos que seu percurso vai aprofundando-se cada vez mais. Se antes ela encontrava-se à porta dos fundos da casa, em um espaço de circulação, do convívio das pessoas, agora ela se encontra no porão da casa, em um lugar sombrio, escuro. Da mesma forma, se antes ela recordava fatos marcantes, agora ela recorda fatos mais que íntimos: confessionais. São memórias obscuras e intraduzíveis.

O contato com o trecho que se segue nos leva à essa dimensão, a ideia de um lugar obscuro. “Desço aos teus porões, casa que já foste minha, busco o fantasma da negra embrulhada em suas rezas a invocar castigo e salvação, tiranos e inocentes, minha proteção” (MEDEIROS, 2005, p. 19).

Diante de um quadro de extremo desespero, infere-se desse fragmento que na busca incessante pela vida, buscou-se todas as formas de cura, de salvação, recorreu as entidades religiosas para que conseguisse sua restauração. De tal modo, quando ela fala dessa negra, nos leva à ideia de personalidades curandeiras, no momento de luta pela vida, tanto Deus quanto outras entidades foram recorridas. Isto torna-se transparente, para nós, pelo uso recorrente das antíteses, que indicam dois lados opostos, castigo/sal-

vação, tiranos/inocentes, que indicam que duas forças foram evocadas, ou seja, o bem e o mal utilizados lado a lado por um único fim: a proteção da personagem.

A partir do quinto parágrafo do conto deparamo-nos com um evento chamativo, cativante, interessante. Neste momento, é como se a personagem se despedisse desse mundo e vislumbresse outra dimensão e desse vislumbre surgisse um desejo impetuoso de estar nesta dimensão. “Afasto-me de ti casa que já foste minha, dou as costas para um poente sem astro e quero arremessar meu corpo em grande velocidade, para longe, para fora” (MEDEIROS, 2005, p. 19).

Semelhante ao efeito de um imã parece haver neste momento uma atração intensa e ao mesmo tempo involuntária, como se houvesse chegado a hora decisiva do adeus final e não houvesse meios de voltar atrás. É como se uma força superior arrastasse este ser deste mundo em fração de segundos, sem dar-lhe tempo de olhar para trás e retornar, e neste rapto, arrancasse desse eu qualquer desejo de continuar aqui, e surgisse opulento e feroz, o desejo de partir, como se já não mais pertencesse a esta dimensão, gerando assim, um sentimento de incompletude do ser, se continuar neste lugar, como podemos constatar nas frases que se seguem: “Quero afastar-me de ti. Outro tempo me diz que sou só metade” (MEDEIROS, 2005, p. 19).

A partir de então, temos o momento do ultrapasse, deparamo-nos com o sobrenatural, podemos assim dizer, da passagem de uma dimensão para outra, o que se dá como que em um sonho, em um instante mágico, translúcido, indescritível. “Sonhei que Deus, Nosso Senhor me arrancava de ti e ia curar minhas feridas à beira de um rio. Do outro lado do rio eu ouvia os ais de minha mãe” (MEDEIROS, 2005, p. 19).

Aqui retomamos novamente a ideia de casa como o corpo, como o “cárcere das almas”, onde nosso espírito habita por um determinado período de tempo até que chegue o dia da despedida e retornemos ao lugar de onde viemos. À vista disso, quando ela diz que Deus a arrancou desta casa e a levou ao outro lado do rio, depreendemos o momento do ultrapasse de uma vida para outra; a hora triste da morte e ao mesmo tempo, a hora feliz do descanso, do gozo, do prazer daqueles que partem.

Ao atravessar o rio, ela pode visualizar aqueles que ficaram do outro lado, dentre estes, sua mãe, que agora se condói, se contorce em dor, em desespero, em “ais”. Ao mesmo tempo em que esta mãe lamenta a perda, ela consola a outros que se encontram enfermos, enfermos da alma, que se encontram traspassados pela dor, pessoas que sofrem e que choram.

Este ser que parte, por sua vez, recebe agora uma veste nova, ou seja, destitui-se totalmente desta matéria corruptível e recebe um novo corpo, uma nova vestidura para que possa estar neste novo lugar onde se encontra, na eternidade, ao lado de uma multidão, como podemos inferir ao deparamo-nos com o vocábulo “legião”. Neste momento, ao voltar seu olhar para trás e contemplar e constatar que já não pertence mais àquela dimensão, este sujeito que até então se encontrava feliz, agora lamenta, chora até amanhecer.

Nestas linhas reiteramos a ideia de despedida suscitada no início desta análise, isto é, a saída, a passagem de um espaço e adentre a outro. Desse modo, o amanhecer revela o fim da noite e esta pode ser interpretada como a hora do adeus, da morte e desse modo, o amanhecer revela-se como um novo dia, uma nova vida.

Este momento de despedida, de partida, confirma-se nas duas últimas linhas, quando são trazidas para o conto duas palavras que configuram dois grandes símbolos na liturgia cristã: Monte Sinai e Bodas de Canaã. Tais palavras revelam-nos um momento ímpar que poderíamos qualificar como o instante do encontro com Deus, pois segundo a liturgia cristã, comprovável na Bíblia Sagrada, este monte a que é referência neste conto era o local escolhido por Deus em todas as ocasiões em que desejava falar com Moisés quando este, juntamente com o povo hebreu, após saírem da terra do Egito, peregrinavam pelo deserto em busca da terra de Canaã, a qual Deus havia prometido ao seu povo.

Diante disso, podemos associar essas duas linhas a esta ideia de encontro deste ser que partiu com o seu Deus, com o seu Senhor, após uma vida de momentos felizes e de padecimento, chega o momento em que é necessário este ser partir para encontrar-se com Deus e festejar e descansar eternamente, o descanso e o gozo dos justos. Sair deste mundo e viver eternamente ao lado de Deus.

Considerações finais

Destarte, embora de forma implícita, estes dois contos, como outros deste mesmo livro, indiciam um caráter autobiográfico de Maria Lúcia Medeiros, posto que os enredos e seus personagens têm muito em comum com a vida da autora. Alguns episódios como os explicitados neste estudo são categóricos nessa semelhança, o que faz com que ocorra o reconhecimento e, conseqüentemente, a associação entre a vida e a obra da autora, por parte do leitor.

É inegável que existem traços diversos dos autores dentro de suas obras. Em Maria Lúcia, esses traços saltam aos olhos. Em diversos momentos temos a nítida impressão de estarmos lendo um diário íntimo da autora, como nos contos aqui analisados, dentre outros citados por Tupiassú (2005), como os contos “Céu caótico”, “Luz Branca” e “Dom Quixote veio de trem”. Diante desses contos, não é possível fazer de conta que não há essa aproximação, não há como ignorar essa presença forte da vida de Maria Lúcia em seus escritos.

Contudo, o cuidado no momento da leitura se faz extremamente necessário, pois a autora lança mão de toda a sua arte com a palavra para, dessa forma, instaurar toda a sorte de significações aos seus textos. Se por um lado temos a quase certeza de estarmos abrindo um diário, vem a dúvida quanto à veracidade do que está escrito, pois num mesmo espaço estão dispostas verdades e ficções, o que faz com que o leitor tenha, então a plena liberdade de interpretação, conforme o seu horizonte de expectativas.

O uso das metáforas, e de todos os recursos estilísticos, a memória em Maria Lúcia Medeiros é, por vezes, transparente, o que faz com que pensemos estar frente à uma situação de confissão da própria autora, relatos que incidem verdades. Retomando novamente com Tupiassú (2005), em Maria Lúcia temos o ficcional entremeando-se pelas sendas do verídico, o ficcional lampejado pela verdade documental, datada, localizada, verificável.

Indubitavelmente, a autora se consolida como uma das mais importantes escritoras amazônicas, deixando uma vasta e grandiosa obra, de importância não apenas literária, como também histórica, uma vez que traz uma mescla de relatos de sua vida pessoal e informações documentais da Amazônia antiga.

Referências

AMADOR, Maria de Fátima Corrêa. *Maria Lúcia Medeiros, entreatos, o fato e a ficção*. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

BÍBLIA SAGRADA. Harpa Cristã. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003. 1536 p.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. (Coleção Humanitas).

MEDEIROS, Maria Lúcia. *Céu caótico*. Belém: SECULT, 2005.

MEDEIROS, Maria Lúcia. *O lugar da ficção*. Belém: SECULT, 2004.

MEDEIROS, Maria Lúcia. *Quarto de Hora*. Belém: CEJUP, 1994.

MORAIS, Elizabeth Conde de. Velas. Por quem? e Era uma vez: Memórias e histórias de mulher. *Revista A Palavrada*, n. 1, Bragança: UFPA / Faculdade de Letras.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870- 1912)* Belém: Paka Tatu, 2000.

TUPIASSÚ, Amarílis. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 53, p. 299-320, São Paulo, 10 fev. 2005.

TUPIASSÚ, Amarílis. A poética de Maria Lúcia Medeiros. *In: MEDEIROS, Maria Lúcia. Céu caótico*. Belém: SECULT, 2005. p. 1-4.

